

IV Colóquio Internacional

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de setembro de 2010

Laranjeiras-SE/Brasil



IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade ISSN 1982-3657

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E AVANÇOS TECNOLÓGICOS: UM DIÁLOGO A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES

Ana Karina de Oliveira Nascimento – UFS – akcoliveira@uol.com.br¹

Laudo Natel do Nascimento – UFS – laudo.natel@uol.com.br²

Maria Amália Façanha Berger – UNIT – amaliaberger@hotmail.com³

RESUMO

O presente artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e apresenta uma análise do papel que a língua inglesa assume na contemporaneidade como língua global e suas conexões com as tecnologias da informação e da comunicação - TIC, principalmente quando estas são aplicadas ao ensino desse idioma. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem de inglês, destaca-se a necessidade, por parte do docente, de conhecer as potencialidades dos gêneros textuais digitais que emergem das novas mídias e tecnologias. Também se faz crucial a aplicação de metodologia que leve à comunicação, para atender às necessidades comunicacionais da sociedade globalizada.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa. Gêneros Textuais Digitais. Globalização.

ABSTRACT

This article is a result of bibliographic research and presents an analysis of the role that the English Language has in the present as a global language and its connections with the technologies of communication and information – TCI, mainly as applied to the teaching of this language. In regards to the English teaching-learning process, the need of the teacher for knowing the potentialities of the digital textual genres that emerge from the new medias and technologies is highlighted, as well as the application of appropriate methodology that leads students into communicating in English, attending to the communicational needs of the globalized society.

Keywords: English Teaching. Digital Textual Genres. Globalization.

1 INTRODUÇÃO

Discutir o ensino de língua inglesa hoje, e, particularmente, o seu ensino enquanto língua estrangeira, tem se tornado cada vez mais comum, uma vez que aprender inglês é, na contemporaneidade, o objetivo de várias pessoas ao redor do mundo. Isso tem se tornado realidade devido a vários fatores, tais como o processo de globalização e os avanços na comunicação mediada por computador.

Em se tratando do fenômeno da globalização, a educação tem comumente sido vista como um desafio a ser resolvido globalmente, e não como uma questão local. Nesse sentido, currículos e metodologias de um determinado lugar têm sido empregados em outros contextos, frequentemente como parte de uma atitude impositiva, com todas as suas consequências. Nesse contexto, Appadurai (2000) acredita ser necessário adotar uma postura contrária a essa ideia de imposição comumente presente na discussão, e ser a favor de uma globalização de baixo para cima.

Quebra-se, como a nova configuração que o mundo hoje apresenta, a ideia de que cada povo vive isolado dentro da configuração geográfica dos territórios que delimitam os países. Essa realidade é intensificada pelo crescente uso dos meios de comunicação, tendo como maior exemplo a Internet. Diante desse fato, estamos mais próximos e interligados do que imaginamos e isso traz implicações para as várias instâncias sociais, aí incluída a educação; uma vez que:

O mundo não é mais apenas, ou principalmente, uma coleção de estados nacionais, mais ou menos centrais e periféricos, arcaicos e modernos, agrários e industrializados, coloniais e associados, dependentes e interdependentes, ocidentais e orientais, reais e imaginários. As nações transformaram-se em espaços, territórios ou elos da sociedade global. [...] Assim como cria inibições e produz anacronismos, também deflagra novas condições para uns e outros, indivíduos, grupos, classes, movimentos, nações, nacionalidades, culturas, civilizações. Cria outras possibilidades de ser, agir, pensar, imaginar. (IANNI, 2001, p.87).

Formar cidadãos capacitados para interagirem nesse contexto global de rápida troca e produção de informações que acontece, principalmente, através da Internet e, em grande parte em língua inglesa, vem a ser um dos grandes desafios do ensino de língua inglesa, e a prática de ensino desta língua estrangeira não pode ficar alheia a essas transformações, até porque

mudanças em métodos de ensino de línguas através da história têm refletido o reconhecimento de transformações no tipo de proficiência que os

aprendizes necessitam, como, por exemplo, uma mudança em direção à proficiência oral ao invés da compreensão de leitura como o objetivo do estudo de línguas; elas têm também refletido mudanças nas teorias da natureza da linguagem e do aprendizado de línguas. (RICHARDS & RODGERS, 2001, p.3, tradução nossa).⁴

Levando essas questões em consideração, é relevante pensar no que vem a ser uma língua estrangeira, antes de se tentar discutir o seu ensino, e mais particularmente, como a prática de ensino dessa disciplina deve estabelecer um diálogo com os avanços tecnológicos. Para realização do presente trabalho, adota-se o conceito de língua entendida como algo complexo e variável de acordo com o contexto no qual ela é utilizada e ensinada, ao invés de um conjunto de regras abstratas com significado fixo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o ensino de uma língua estrangeira é entendido como abrangendo não apenas o aspecto linguístico, mas também envolvendo outras questões relativas ao significado mais geral de educação, tais como a ideia/significado de cidadania presente nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – OCEM (BRASIL, 2006). Diretamente conectada a essa discussão está a ideia de letramento crítico, necessária quando se reflete acerca dos possíveis usos da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem.

O presente artigo busca, então, apresentar uma análise do papel que a língua inglesa assume hoje como língua global na chamada “sociedade da informação”⁵ e de suas conexões com tecnologias da informação e comunicação, principalmente quando estas são aplicadas ao ensino desse idioma. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem de inglês, destaca-se a necessidade de uma postura adequada do docente em relação ao quadro de globalização em que a educação está inserida, especialmente quanto ao conhecimento dos gêneros textuais que emergem das novas mídias e tecnologias.

2 O CARÁTER GLOBAL DA LÍNGUA INGLESA

Uma análise feita por Ianni (1999) em relação à expansão do uso do idioma inglês, insere a língua num jogo de forças sociais como um componente constitutivo das formas de sociabilidade. Assim, para o autor, seriam tantos mundos como são as línguas, embora algumas predominem, principalmente pelo modo que se situam não apenas nas formas de sociabilidade, mas também nos jogos das forças sociais. A este respeito, o mesmo autor faz uma interessante retomada histórica que pode ajudar na análise aqui empreendida:

No curso dos tempos modernos, as línguas dos conquistadores tornaram-se línguas mundiais, conforme as cartografias desenhadas pelo mercantilismo, colonialismo, imperialismo e globalismo. Esse é o cenário histórico em que o inglês se torna uma espécie de idioma de todo o mundo, sobrepujando os outros (...). Aos poucos torna-se presente e predominante no mundo dos negócios, da economia em geral, finanças, organizações multilaterais e corporações transnacionais. Além disso, torna-se presente e predominante nos meios de comunicação, desde as corporações de mídia em geral até às tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas. (IANNI, 1999, p.57-8).

O inglês adquire, assim, características de língua mundial. Ou seja, “no mesmo curso da globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, tanto se globalizam instituições econômico-financeiras e jurídico-políticas como se globaliza o inglês, como língua principal ou língua franca” (Idem, Ibidem, p.59-60).

De acordo com Ortiz (2000), vários são os fatores responsáveis pela supremacia da língua inglesa em âmbito mundial. Os principais são: a existência de uma potência colonizadora (Inglaterra), o papel econômico e hegemônico dos Estados Unidos, a presença de corporações multinacionais em todo o mundo, as transformações tecnológicas (a invenção do computador e de uma linguagem informatizada predominantemente de origem inglesa) e o peso de uma indústria cultural marcada por sua origem norte-americana.

A partir dessa constatação e retomando os fatores citados para justificar a predominância do inglês, podemos afirmar que a abrangência da língua inglesa ultrapassa as fronteiras dos povos anglófonos e penetra domínios como a informática, o tráfego aéreo, os colóquios científicos, intercâmbio entre multinacionais, etc. para se transformar na língua oficial das relações internacionais.

Defende-se, então, a partir da expansão da língua, o uso dos termos falantes de inglês “monolíngües” e falantes de inglês “bilíngües”, quando se refere, primeiramente às pessoas que falam apenas a língua inglesa, e o segundo, àquelas que dominam algum outro idioma além do inglês, independente de ser ele sua primeira língua ou não. Dessa forma, segundo Jenkins (2000) estar-se-ia pondo fim a uma dicotomia que não tem mais razão de ser posto que o inglês assume, na atualidade, o status de língua internacional.

Nessa perspectiva, a autora apóia que o foco de ensino da língua inglesa deve ser no aprendizado de um inglês padrão, e não americano ou britânico como tem sido comumente designado, haja vista o fato de que, diante do universo crescente de pessoas que utilizam a língua inglesa para comunicação, a atenção quando se trata do ensino de inglês deve ser voltada para o alcance da inteligibilidade e não ter como meta o aprendizado do idioma da

maneira com este é utilizado por “nativos” da língua. Na verdade, no curso da história, há até pouco tempo atrás,

[...] os aprendizes desejavam primordialmente serem capazes de se comunicar efetivamente com falantes nativos do inglês, que eram considerados por todos os proprietários da língua [...]. Com o intuito de atingir tal meta, era essencial para esses “falantes não-nativos” se aproximarem o mais perto possível do padrão nativo, particularmente no que diz respeito à pronúncia. (JENKINS, 2000, p.5, tradução nossa)⁶.

A partir da nova realidade quanto à forma como se dá a comunicação em inglês, o objetivo ao se ensinar pronúncia nesse idioma é também revisto. Dessa forma, a finalidade do ensino de pronúncia em língua inglesa atualmente,

[...] não é fazê-los [os aprendizes] soarem como falantes nativos de inglês. Com exceção de uns poucos altamente talentosos e motivados indivíduos, tal meta é irrealista. Um objetivo mais modesto e realista é capacitar os aprendizes a superarem o nível mínimo de modo que a pronúncia deles não venha a desmerecer a sua habilidade de se comunicar. (CELCE-MURCIA, 2000, p.8, tradução nossa)⁷.

Aliando a discussão acerca da difusão da língua inglesa a partir de razões políticas e econômicas ao debate em torno da Indústria Cultural, fica claro que todos os fatores assinalados vêm a ser determinantes para corroborarem com o atual processo de disseminação da língua inglesa, cuja expansão e difusão estão também intimamente relacionadas aos avanços tecnológicos liderados pelas descobertas e invenções realizadas pelos Estados Unidos. Afinal, o projeto hegemônico norte-americano expande-se para diversas áreas.

Diante do que já foi aqui exposto, o desenvolvimento de uma nova consciência linguística a respeito do papel que o inglês assume hoje no cenário mundial como uma ‘língua de todos’, conforme a análise de Jenkins (2000), torna-se elemento importante na formação dos profissionais de língua inglesa. É importante ressaltar o surgimento de variedades de inglês, a partir do desmonte do império britânico e da consequente existência de ex-colônias nas quais o idioma é utilizado, bem como a metamorfose que a língua inglesa tem sofrido ao longo do último século, transformando-se de língua estrangeira em uma língua internacional, que está sendo falada muito mais por não-nativos do que por nativos, o que a torna língua franca.

A importância da aquisição de uma língua estrangeira fica clara, então, a partir do discurso presente nos PCNs, os quais também assinalam que “o conhecimento de Língua Estrangeira é crucial para se poder participar ativamente dessa sociedade em que, tudo indica,

a informatização passará a ter um papel cada vez maior” (BRASIL, PCNs, p. 87); conhecimento assegurado a partir da nova LDB (lei 9.394/1996), pois, após a promulgação dessa lei o ensino de língua estrangeira a partir da quinta série do ensino fundamental até a conclusão do ensino médio, passa a ser obrigatório⁸.

Contudo, apesar do aspecto positivo trazido com a lei no que tange à obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras, é preciso assinalar que, se por um lado essa avançou ao resgatar a importância das línguas estrangeiras, por outro, isso não foi acompanhado por avanços materiais e humanos de ensino indispensáveis ao bom andamento e cumprimento da legislação.

Outra questão que chama a atenção diz respeito à defesa nos PCNs da ênfase no ensino de leitura quando se trata do ensino de línguas estrangeiras. Segundo Paiva (2003) está se admitindo, dessa forma, a ineficácia do ensino de línguas estrangeiras nas escolas, uma vez que documentos elaborados pelo próprio Ministério da Educação e Cultura (MEC) atestam a má condição de ensino de línguas estrangeiras no Brasil e buscam alternativas para se acomodar a essa situação, em vez de proporem políticas de qualificação docente e melhoria do ensino. Assim, a situação tende a se perpetuar, posto que,

[...] embora o inglês seja quase universalmente ensinado em escolas secundárias e universidades, a maioria das pessoas em muitos países em desenvolvimento nunca fez o segundo grau. Mesmo aqueles que o fazem, deparam-se com professores precariamente treinados e que nem falam inglês bem eles próprios. De fato, em muitos países, a única rota confiável para o ensino de inglês é através da cara educação privada. Com a exigência do conhecimento de inglês para o acesso a muitas profissões e programas universitários, o inglês se torna mais uma barreira quando se busca oportunidades iguais para os pobres. (WARSCHAUER, 2003, p. 95-6, tradução nossa)⁹.

É por entender a importância que a língua inglesa tem assumido, bem como as tecnologias, com foco no computador e na Internet, que se torna crucial repensar o ensino-aprendizagem de inglês, criando oportunidades para discussão e reflexão, posto que consideramos ser muitas as oportunidades que se abrem a partir do uso das tecnologias quando aliadas às disciplinas escolares.

3 A INTERNET E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: A QUESTÃO DOS GÊNEROS EMERGENTES

A última década do século XX trouxe uma mudança significativa de natureza sócio-cognitiva na educação mediada por computador, quando essa ferramenta torna-se elemento facilitador da comunicação real entre pessoas e hoje,

[...] teoricamente, tem havido maior ênfase na interação significativa em comunidades de discurso autênticas. Tecnicamente, tem havido o desenvolvimento de computadores ligados em rede, o que permite que o computador seja usado como um veículo para comunicação humana interativa. (WARSCHAUER & KERN, 2003, p. 11, tradução nossa).¹⁰

Com os avanços tecnológicos relacionados ao advento da WWW (*World Wide Web*), novos gêneros textuais emergem e passam a fazer parte do cotidiano das pessoas. De acordo com Chandler (2000), definir gênero não é uma tarefa fácil¹¹. Entretanto, esclarece-se que tradicionalmente, os gêneros, especialmente os literários, tendiam a ser compreendidos como formas fixas, mas teorias contemporâneas enfatizam sua característica dinâmica, especialmente quando se pensa nos gêneros emergentes, visto que estes estão em constante processo de negociação e mudança, mediante a interação entre gêneros e mídia.

Levando-se em conta a ideia de Bakhtin (1992) sobre gênero, este é visto como formas relativamente estáveis que são marcadas por aspectos relativos a tópicos, composição estrutural e traços linguísticos. Assim, conforme apontado por Paiva (2005), gêneros textuais são sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela língua, que seguem certos padrões organizacionais facilmente identificáveis e resultantes de um contexto histórico e social que produz diversificadas atividades comunicativas.

Marcuschi (2002) também destacou que gêneros são caracterizados como eventos textuais altamente modificáveis, dinâmicos e plásticos, resultantes de necessidades e atividades sócio-culturais, bem como da relação com inovações tecnológicas, que podem facilmente ser percebidas quando se considera a quantidade de gêneros textuais existentes hoje. O que os torna objeto de mudanças é o fato de que eles podem ser modificados a todo tempo por diferentes pessoas de todas as partes do mundo. Após analisar vários exemplos de gêneros textuais que fazem parte das novas mídias e tecnologias, o mesmo autor explica que estes certamente não são criações absolutas, desconectadas de gêneros já existentes. Na verdade, a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não necessariamente novas.

Há um número significativo de gêneros textuais emergentes resultantes das novas mídias e tecnologias, tais como: e-mail, e-forum, chat, blog, videoconferência e hipertexto. Marcuschi (2005) ressalta que há três aspectos que tornam a análise dos gêneros digitais emergentes relevante: o seu desenvolvimento e crescente uso; suas peculiaridades funcionais e formais, embora baseados em gêneros pré-existentes; a possibilidade que eles oferecem de revisão de conceitos tradicionais relacionados a como a língua oral e escrita é vista.

Considerando as características comuns aos diferentes gêneros textuais, o hipertexto é o que mais chama atenção, uma vez que é um tipo de produção textual que pode se estender aos demais gêneros emergentes, dando-lhes característica específica. De acordo com as OCEM, línguas estrangeiras (BRASIL, 2006), um hipertexto diz respeito à conexão estabelecida por programadores de sites entre páginas aparentemente não sequenciais ou pelo menos não diretamente ou explicitamente conectadas.

Segundo Marcuschi (2005), o hipertexto é uma forma de língua híbrida, dinâmica e flexível que dialoga com outras interfaces semióticas, adicionando e acomodando outras formas de textualidade. Dessa forma, textos individuais são vistos em relação a outros, e o princípio básico do hipertexto vem a ser a não-linearidade. Com o hipertexto, portanto, crescem as chances de interação e acesso a informações e ao conhecimento. O uso desses recursos nas escolas e, em particular, nas aulas de língua estrangeira, amplia as oportunidades de se colocar em prática o conhecimento que vem sendo trabalhado em sala de aula. Assim,

[...] as novas tecnologias da informação e da comunicação, particularmente as tecnologias de rede, estão modificando um dos princípios axiais da ordem escolar (o isolamento da escola), assim como um dos instrumentos constitutivos da aprendizagem (o texto plano ou linear), que começa a ser substituído pelo hipertexto. (TEDESCO, 2004, p. 46).

Pensar nas mudanças pelas quais o campo educacional vem passando no século XXI, principalmente quando ligadas aos avanços tecnológicos, leva-nos a concordar com Warschauer (1999, p.4), quando o autor afirma que, “em relação à tecnologia, o desenvolvimento atual mais importante que está afetando a leitura e a escrita é o desenvolvimento e a expansão da Internet”¹².

São várias as vantagens que o uso da WWW pode oferecer para alargar as possibilidades de aproveitamento do aprendizado: pesquisa (há uma infinidade de textos, imagens, áudio e vídeos de todos os cantos do mundo disponíveis na rede e o acesso a esses materiais é extremamente rápido e fácil), publicações (produções intelectuais podem ser facilmente disponibilizadas *online* com custos muito baixos), acesso à informação de toda a

natureza (material de boa ou má qualidade), acesso global instantâneo, o que, no caso do aprendizado de língua estrangeira, torna-se extremamente útil e eficaz.

O emprego da tecnologia será ampliado, caso os usuários conheçam algum outro idioma, em especial a língua inglesa, já que a maior parte do material disponível em rede encontra-se nessa língua, e, sua predominância não se limita ao mundo dos internautas, mas à vida cotidiana de indivíduos em âmbito global, visto que,

[...] um grande e crescente número de pessoas, mesmo que elas nunca pisem em um “país de língua inglesa”, terão a necessidade de usar inglês em comunicação altamente sofisticada e em colaboração com pessoas de todo o mundo. Elas precisarão ser capazes de escrever persuasivamente, interpretar e analisar informações em inglês criticamente, e desenvolver complexas negociações em inglês. (WARSCHAUER, 2000, n.p., tradução nossa)¹³.

Diante desse quadro, os professores de língua inglesa precisam adotar uma postura crítica e consciente para que suas aulas não se reduzam ao aprendizado de verbos, gramática e aspectos culturais fechados nas realidades dos Estados Unidos ou da Inglaterra. A esse respeito, destacamos a seguinte passagem presente nos PCNs de língua estrangeira:

[...] a aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contra-discursos em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais (homens e mulheres, brancos e negros, falantes de línguas hegemônicas e não-hegemônicas etc.). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês, no entanto, influi na manutenção do ‘status quo’ ao invés de cooperar para sua transformação. (BRASIL, PCNs, 1998, p.40).

O ensino de língua inglesa, portanto, mostra-se relevante no contexto mundial, e seu ensino precisa estar conectado às principais transformações pelas quais tem passado a sociedade, especialmente, aquelas relacionadas à conexão a ser estabelecida entre o mundo escolar e a vida, da qual os gêneros textuais emergentes estão cada vez mais presentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de língua estrangeira e a educação, de maneira mais ampla, passam hoje por um problema, que é o da continuidade de uma prática educacional baseada somente na recepção de conteúdos em detrimento de uma que leve à produção de conhecimento. Transportando isso para as aulas de inglês, seria como usar a tela do computador da mesma forma que o quadro negro é usado para sobrecarregar os alunos com regras de gramática e exercícios de tradução.

Diante disso, conclui-se que são, pelo menos três, os desafios que os docentes de língua inglesa terão que enfrentar: compreender as transformações ocorridas em nossa sociedade devido aos efeitos da globalização da economia; entender o papel que a língua inglesa desempenha hoje nessa sociedade permeada pelos avanços na área tecnológica, e, por último, ter embasamento metodológico adequado a esse quadro de mudanças para, dessa forma, poderem atender às demandas da sociedade que hoje navega pelas ondas virtuais da Internet e lida rotineiramente com os diversos gêneros textuais que emergem das novas mídias e tecnologias, compreendendo que o conhecimento da língua inglesa torna-se crucial quando se pensa na construção de contra-discursos, de um projeto contra-hegemônico.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. Grassroots Globalization and the Research Imagination. **Globalization**. Ed. Arjun Appadurai. Durham: Duke University Press, 2000. p.1-19.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOLAÑO, C. & CASTAÑEDA, M. A economia política da internet e sua crise. In: JANBEIRO, O.; BOLAÑO, C.; BRITTOS, V. (Orgs.) **Comunicação, informação e cultura: dinâmicas globais e estruturas de poder**. Salvador: Edufba, 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L9394.htm>>. Acesso: 05 de dezembro de 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1 - Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, SEB, 2006.

CHANDLER, D. **An introduction to genre theory**. 2000. Disponível em: <<http://www.aber.ac.uk/media/Documents/intgenre/intgenre.html>>. Acesso em 3 de junho de 2010.

CELCE-MURCIA, D. *et al.* **Teaching Pronunciation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

IANNI, O. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Língua e Sociedade**. Publicação Primeira Versão, n. 84. Campinas: IFCH/UNICAMP. Abril de 1999.

JENKINS, J. **The Phonology of English as an International Language**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PAIVA, V. L. M. O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professores de língua inglesa. In: STEVENS, C. T. e CUNHA, M. J. C. **Caminhos e Colheitas no Ensino de Inglês no Brasil**. Brasília: EdUnb, 2003.

_____. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (org.) **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 68-90.

RICHARDS, C. & RODGERS, T. **Approaches and Methods in Language Teaching**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TEDESCO, J. C. (Org.). **Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planejamento de la Educacion; Brasília: UNESCO, 2004.

WARSCHAUER, M. **Electronic Literacies: Language, Culture, and Power in Online Education**. New Jersey: LEA, 1999.

_____. **The Changing Global Economy and the Future of English Teaching**. USA: 2000. Disponível em: <<http://www.gse.uci.edu/faculty/markw/global>>. Acesso em: 20 de julho de 2006.

_____. **Technology and Social Inclusion: rethinking the digital divide**. Massachusetts: The MIT Press, 2003.

_____. & KERN, R. (Orgs.). **Network-based Language Teaching: concepts and practice**. New York: Cambridge, 2003.

NOTAS

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe. Membro do grupo de pesquisa novos letramentos, multiletramentos e o ensino de língua inglesa.

² Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora do curso de Letras Inglês da Universidade Tiradentes.

⁴ “Changes in language teaching methods throughout history have reflected recognition of changes in the kind of proficiency learners need, such as a move toward oral proficiency rather than reading comprehension as the goal of language study; they have also reflected changes in theories of the nature of language and of language learning” (RICHARDS & RODGERS, 2001, p.3).

⁵ O conceito de sociedade da informação vem sendo utilizado por vários autores, dentre eles Daniel Bell (2000), no sentido de uma sociedade que já superou os pressupostos do capitalismo e, portanto, deixaria de ter o trabalho como categoria central para passar a ter a informação como essa categoria. Neste estudo, o termo “sociedade da informação” não estará sendo utilizado com este referencial, mas sim, referindo-se à tendência da informação assumir cada vez mais espaço na sociedade contemporânea. Ressalte-se, portanto, que não adotamos aqui o viés pós-moderno que dá por encerrada a modernidade e a sociedade capitalista, mas reconhecemos a importância da informação na conjuntura atual.

⁶ “learners wished primarily to be able to communicate effectively with native speakers of English, who were considered by all to be the owners of the language [...]. In order to achieve their goal, it was considered essential for these ‘non-native speakers’ to approximate as closely as possible to the native standard, particularly with regard to pronunciation”.

⁷ “is not to make them sound like native speakers of English. With the exception of a few highly gifted and motivated individuals, such a goal is unrealistic. A more modest and realistic goal is to enable learners to surpass the threshold level so that their pronunciation will not detract from their ability to communicate”.

⁸ Não estamos dizendo com isso que o status do ensino de língua estrangeira mudou sorrateiramente quando o seu ensino deixa de ser optativo e passa a ser obrigatório. Ao contrário, acreditamos que o ensino de línguas estrangeiras continua sem ter o papel de destaque que merece diante da importância do seu aprendizado a partir de diversos fatores. Algumas constatações que comprovam o atual descaso das políticas públicas com o aprendizado de língua inglesa vem a ser o fato de que na distribuição gratuita de livros didáticos efetuada pelo governo, não há material de língua estrangeira. Além disso, o atual Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) não versa acerca de conteúdos de língua estrangeira. Da mesma forma, o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) que avalia os alunos de cursos de graduação, quando aplicado a alunos pertencentes aos cursos de Letras (seja habilitações duplas – Português e uma língua estrangeira – ou apenas uma língua estrangeira) nada testa no que concerne ao aprendizado de língua estrangeira. De fato, a análise histórica empreendida por Paiva (2003) mostra esse descaso comum com o ensino de língua estrangeira por parte da legislação e das escolas, variando entre disciplina optativa e obrigatória.

⁹ “Even though English is almost universally taught in secondary schools and universities, the majority of people in many developing countries never attend secondary school. Even those who do often face poorly trained teachers who do not speak English themselves. Indeed, in many countries, the only reliable route to learning English is through expensive private education. With knowledge of English a requirement for access to many professions and university programs, English becomes one more barrier to equal opportunity for the poor.”

¹⁰ “Theoretically, there has been the broader emphasis on meaningful interaction in authentic discourse communities. Technologically, there has been the development of computer networking, which allows the computer to be used as a vehicle for interactive human communication” (WARSCHAUER & KERN, 2003, p. 11).

¹¹ O autor destaca que, apesar da dificuldade, mesmo se os teóricos decidissem abandonar o conceito de gênero, devido à considerável discordância teórica sobre a definição de gêneros específicos, na vida real, as pessoas continuariam a categorizar textos devidos a uma série de razões. Primeiramente porque é difícil encontrar textos que sejam exceções a uma dada definição de um gênero particular. Segundo porque leitores aprendem gêneros gradualmente, geralmente através de um processo de familiarização inconsciente. Essas duas razões explicam o fato de que é necessário se encontrar exemplos suficientes de um gênero para ser possível reconhecer características que identificam determinado gênero. Isso não significa que os gêneros se constituem enquanto um número fixo de itens, isso porque os gêneros se entrelaçam, havendo gêneros mistos. Em suma, gêneros específicos tendem a ser facilmente reconhecidos intuitivamente mas difíceis, se não impossíveis, de serem definidos.

¹² “As for technology, the most important current development affecting reading and writing is the development and spread of the Internet” (WARSCHAUER, 1999, p.4).

¹³ “A large and increasing number of people, even if they never set foot in an ‘English-speaking country’, will be required to use English in highly sophisticated communication and collaboration with people around the world. They will need to be able to write persuasively, critically interpret and analyze information in English, and carry out complex negotiations and collaboration in English”.